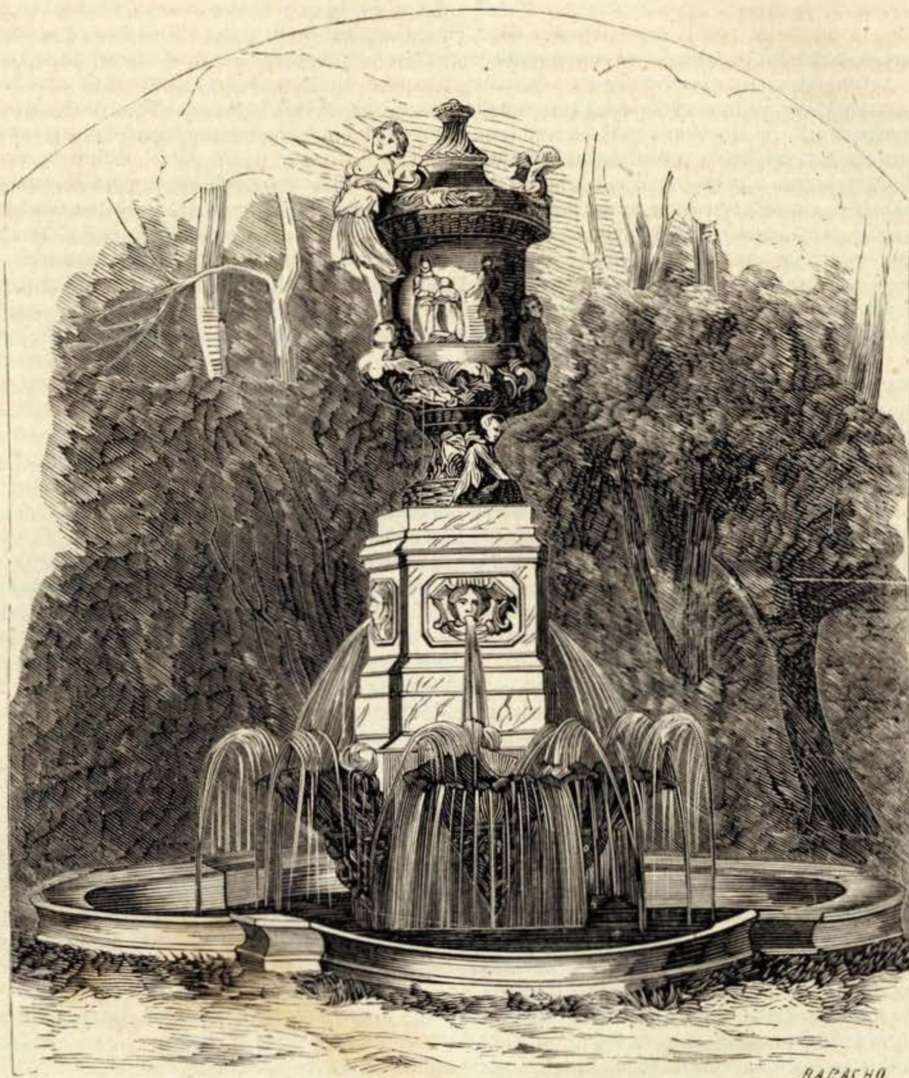


Fonte monumental nos jardins de Sans-Souci. (Prussia)

O palacio real de Sans-Souci, na provincia de Brandeburgo, estados da Prussia, é situado a um kilometro, pouco mais ou menos, de Potsdam, em uma collina d'onde se desfructam deliciosos pontos de vista, e foi mandado construir em 1745 por Frederico II, *o grande*, que alli falleceu em 1786.

Folgava aquelle monarcha, tão intelligente estrategico, como habil politico, de descançar em tão deleitosa estancia das lidas da guerra, e dos não menos fadigosos trabalhos de gabinete. Até forcejava muitas vezes por esquecer que cingia uma coroa gloriosa, occupando-se em ler os seus auctores favoritos, em escrever aos philosophos que honrava com a sua amizade, e em redigir as suas memorias intimas. E tambem não era raro reunir em seus aposentos magnificos grande numero de sabios e litteratos prussianos e estrangeiros, que abundavam sempre na corte do espirituoso soberano, entretendo-se com elles largas horas em animada palestra sobre diversos assumptos, já de litteratura e sciencias, já de administração e politica; e n'essas occasiões Frederico II trocava os titulos da realeza pelo mais modesto de *philosopho de Sans-Souci*, por que desejava que o tratassem os seus amigos.

Tem esta residencia real continuado a ser o objecto da predilecção dos reis da Prussia que lhe succederam; e nenhum se ha esquecido de a enriquecer e accrescentar, a fim de tornal-a cada vez mais digna d'aquelle florescente e poderoso estado, e das suas honrosas tradições.

A fonte que representa a gravura foi um dos ultimos embellezamentos effectuados nos vastos jardins que circundam o palacio de Sans-Souci.

Construida dos mais finos materiaes, hesita-se sobre o que mais se ha de admirar, se a riqueza dos materiaes de que foi lavrada, se a elegancia e harmonia das fórmas architectonicas, se a delicadeza e primor do trabalho.

Não tentaremos a descripção d'esta fonte, notavel principalmente para nós os portuguezes, que tão aborrecidos devemos de andar todos dos aleijões de architectura que todos os dias somos condemnados a ver, como que em expiação da nossa descuriosidade: bastará dizer que esta fonte monumental, que a estampa, copiada da que appareceu na *Illustrirte Zeitung*, representa fielmente, é considerada pelos entendidos na materia como um perfeito modelo no seu genero.

P.

OS TEMPLARIOS.

III.

A associação secreta dos templarios apresentava as mesmas vantagens e inconvenientes do instituto de Pythagoras: não se póde mesmo crer que viesse a ser um instrumento de liberdade; mas n'um tempo em que o dogma suffocava o pensamento humano, n'um tempo em que a pressão ecclesiastica obstava ao desenvolvimento da sciencia, n'um tempo em que o principio de auctoridade supprimia o direito de discussão, a ordem dos cavalleiros do Templo, estendendo a espada sobre o oriente, e dando nos seus ritos secretos asylo aos deuses proscriptos, affirmava, a seu modo, o despertamento do espirito humano.

Fora ignorancia procurar, n'esses tempos remotos da historia, os elementos de opposição, que então havia em França; fora, sobre tudo, simplicidade procurar o espirito d'essa opposição nas fórmas que hoje servem a manifestal-a. As liberdades passam, como tudo, por uma successão de formações. Quando se estuda a embryologia humana, experimenta-se uma especie de confusão, á vista do involucro que o principio da liberdade moderna atravessou, e vae atravessando até ao termo das suas evoluções intra-uterinas. O mesmo é de todas as creações da historia e da humanidade.

Nos primeiros ensaios da liberdade religiosa, nas fórmulas grosseiras e supersticiosas que o trabalho da razão humana revestiu, nas linguas vivas que protegeram a discussão e o exame na edade-media, é para o orgulho moderno cousa penivel descobrir o germen dos progressos que mais tarde trouxeram a reforma, o renascimento, a philosophia, e a revolução franceza.

As sociedades secretas são nos seculos ou nos logares de auctoridade os tenebrosos laboratorios em que se completa a obra das transformações sociaes, philosophicas e religiosas; é, muitas vezes, no meio dos erros mais deshonrosos para a razão humana, entre sonhos pueris e ridiculos, no meio das ruinas de todas as doutrinas mortas, que se fórma na sombra o nó cada vez mais apertado das novidades que acabam por triumphar da resistencia do dogma.

Mas tornemos ao processo dos templarios. Olhemos para o quadro que estes infelizes não cessam de traçar dos seus soffrimentos nas memorias dirigidas aos juizes: — «Prenderam a todos nós em França, deitaram-nos em ferros, fomos levados de improviso ao açougue como cordeiros, fomos atormentados por tal modo, que uns são mortos, outros perderam a força e a saude para sempre, outros, em fim, tem sido constrangidos a depor falsamente contra a ordem e contra si mesmos; tiraram-lhes assim até o mais precioso dos bens, o livre arbitrio.» Depois concluiam protestando a sua innocencia.

Em 1310 o arcebispo de Sens, Filippe de Merigni, reuniu em Paris um concilio provincial, que durou quinze dias. N'elle julgaram os templarios. Cincoenta e nove cavalleiros da ordem foram queimados em Paris no campo posterior á abbadia de Santo Antonio. Nos padres começavam pela degradação das ordens. Depois desenterraram os ossos de um celebre templario, João de Thur, e deitaram-nos ao fogo. A justiça d'então estava tão raivosa contra os hereges, que os perseguia mesmo além do tumulo, e ainda achava que reprehender e punir, quando já se pronunciára a justiça divina.

Todos, ao morrerem, se retractavam das confissões que a violencia dos tormentos, o jejum, a solidão, os interminaveis interrogatorios dos commissarios lhes haviam arrancado.

Em Vienna, sobre o Rhodano, houve outro concilio, a que assistiu o rei de França, á direita do papa, n'um throno *um pouco mais baixo*. O santo padre tomou para texto do seu discurso estas melancolicas palavras da escriptura: — «Os impios não se tornarão a levantar no julgamento, nem os peccadores na assembléa dos justos.» — Todo o mundo descobriu interiormente n'esta sentença uma allusão aos templarios.

Eis a sorte que talharam aos cavalleiros que viviam ainda: — «Os que tiverem confessado seus erros, serão tratados com indulgencia. Os impenitentes e relapsos serão *tratados com rigor*. Os que, mesmo depois da questão, tiverem persistido em negar que sejam culpados, serão postos de parte....» Mas, que podia já restar d'estes infelizes, *mesmo depois da questão*, isto é, depois de um systema de reclusão e angustias, que fazia de um homem accusado um andrajo ensanguentado?

Jacques de Molay, e tres outros principaes governantes da ordem, tinham sido reservados ao julgamento do papa. Clemente V designára, como já dissemos, commissarios para os sentenciarem. Comprehende-se sobejamente o que isto queria dizer. Na segunda-feira 18 de março de 1314 se levantou um cadafalso no adro de Notre-Dame. Sobre o tablado d'este theatro de ignominia ouviram os quatro chefes da ordem pronunciar em alta voz a sentença da justiça, que os condemnava a prisão perpetua. Proclamada a sentença, julgavam os juizes tudo concluido, quando um dos cardeaes, que assistia a essa estranha ceremonia, pondo-se a prégar ao povo, e a inspirar-lhe o horror dos hereges, moveu dois dos templarios a reclamarem em alta voz contra o que dizia. Que admiração, que silencio em todos! Os dois cavalleiros protestaram contra a confissão que lhes attribuiam. Diante d'este povo surprehendido, mudo, que ainda não comprehendia, sustentaram com firmeza, que não eram culpados. Interdictos, furiosos, põem-nos os cardeaes nas mãos do preboste de Paris, que era presente, para que d'elles désse conta no dia seguinte.

Entretanto o rei, que estava no paço, teve noticia d'este incidente. Ou fosse temor das revelações que podiam saír da bocca d'aquelles infelizes, ou accesso de colera por se ver enganado nos seus designios, fez, ao anoitecer do mesmo dia, conduzir os dois templarios intrataveis a uma pequena ilha do Sena, que estava entre o jardim do rei e os eremitas de Santo Agostinho. Ahi foram *queimados pelas chammas*.

Os dois templarios, um dos quaes era Jacques de Molay, soffreram o rigor d'este supplicio, protestando até ao fim contra as confissões que lhes attribuiam. Com uma constancia e firmeza, que surprehendia os proprios assistentes, por pouco iniciados que fossem ainda na significação de taes successos, os dois principaes da ordem protestaram a sua innocencia até diante da morte. Sobre tudo o grão-mestre mostrou-se superior a todos os tormentos. Alguns amigos, verdadeiros ou falsos, que rodeavam a fogueira, instavam com Jacques de Molay, que conservasse seus dias, e fizesse á justiça as confissões que ella pedia, confissões que, não sendo livres, não comprometteriam por nenhum modo a sua consciencia, nem a honra da ordem. Molay abanou obstinadamente a cabeça: — «Proximo a acabar, disse elle, não careço mais de uma vida, que é preciso comprar com uma mentira.»

Jacques de Molay e seu companheiro, irmão do delphim do Auvergne, morreram sepultando nas chammas o segredo da sua consciencia, e a honra de uma ordem que tinham illustrado com a sua coragem.

Ao pé d'este supplicio, entre a multidão, estava triste, em pé, terrivel, envolto na capa e no silen-

cio, o florentino inimigo dos papas e da França papista, o homem recemchegado do inferno—Dante. Seguira com olhos sobresaltados as principaes scenas d'este horrivel processo. Os tormentos de que tinha sido testimunha, a questão por muitas vezes ventilada diante d'elle, tinham ferido a sua imaginação por tal fórma, que ella póde conceber esse luxo de supplicios que mais tarde ostentou no seu inferno poetico. Felizmente estava lá Dante, a vingança! Dante, a posteridade! Dante, a justiça dos seculos!

Conta-se que sobre a fogueira, já présa das chammas, Jacques de Molay fôra tomado de espirito prophetico, e exclamára com uma voz forte:—«Clemente v, pontifice de Roma, eu te cito a compareceres no tribunal de Deus dentro de quarenta dias; e tu, Filippe, o *bello*, de França, no mesmo tribunal te espero dentro de um anno!»

O successo justificou a predicção. O rei, na edade de vinte e cinco annos, foi achado morto no proprio leito, n'uma quinta-feira 7 de septembro. Foi por isso que chamaram a este principe o *Atermado*. Clemente v morreu tambem.

Citar para o tribunal de Deus; para o tribunal da justiça social e da historia; para o tribunal dos successos politicos; para o tribunal das revoluções, todos os poderes que maltratam o pensamento, e perseguem as leis; todos os homens, depositarios da força, que accendem o fogo contra as doutrinas do futuro; é a eterna inspiração dos martyres da liberdade; é a sua força e a sua alegria no supplicio; é a sua superioridade sobre os carrascos, sobre os inquisidores, e sobre os reis.

Na noite immediata á morte de Molay e do seu companheiro, os restos dos seus ossos desappareceram, como se fossem reliquias, e foram sepultados em logar santo. Tocante piedade da multidão, que, por um admiravel instincto, n'aquellas eras de ignorancia, comprehendendo que a liberdade de consciencia era violada na pessoa dos templarios, recolhe seus despojos mortaes com secreto cuidado, e presta-lhes honras furtivas, já que os actos de devoção e rehabilitação posthuma precisavam então das trevas!

Entretanto os templarios eram perseguidos a ferro e fogo em todo o reino. Nada se poupou para matar uma instituição que tinha tantas raizes no solo. Em França, em Hespanha, em Inglaterra, por toda a parte foi destruida a ordem dos templarios.

A espada da milicia do Templo fôra a principio requestada e disputada pelo papa e pelos reis. Mas quando o poder religioso e o poder civil reconheceram que essa espada não pertencia, nem a um, nem a outro; quando viram que trabalhava para si mesma; contrataram-se todos para quebral-a. Tal é a historia de todas as espadas que se crêem necessarias, e depois são combatidas por dois interesses rivaes.

A destruição da ordem dos templarios, nas condições em que se effectuou, ficou sendo um dos maiores monumentos da ferocidade da justiça no xiv seculo. A inquisição poz n'isso mão, e mão implacavel. O que a egreja queria matar na existencia d'esta ordem era o principio das instituições secretas: o que o poder secular queria abolir n'ella era uma sociedade que, pela sua riqueza, pelos seus estatutos, pela força da sua hierarchia, independente da hierarchia civil e religiosa, chegára a constituir um estado no estado.

Póde dizer-se, sem erro, que os templarios consagraram a vida á independencia, como o podiam comprehender no seu tempo. Na sua origem tinham sido instituidos para estabelecerem a primeira das liberdades entre os povos modernos, a que immortalisou Hercules, Theseu, Œdipo—a liberdade de communicações por mar e terra.

Abrindo á christandade o caminho do oriente para a Terra-Santa, essa patria da fé; protegendo com as armas a segurança dos peregrinos; libertando o tumulo d'aquelle que libertára o mundo; contribuiram a extender essa liberdade de locomoção, que é para as raças a conquista de liberdades civis e religiosas.

Nas suas relações com o oriente, berço dos conhecimentos humanos, é que se iniciaram no principio das associações secretas. Uma idéa mui remota parece ter presidido á fundação da ordem. Nos antigos mysterios encontra-se sempre a humanidade designada debaixo da figura d'um templo. Este templo eleva-se secularmente debaixo das mãos das gerações, que uma após outra contribuem a levantal-o. Os obreiros d'esta construcção eterna são distribuidos em grupos, em series. Trabalham hierarchicamente n'este edificio vivo e imperecedouro, cujas pedras se renovam sem cessar. Pythagoras, querendo dar idéa da ordem que preside á distribuição das fórmas da materia sobre o globo, tinha o costume de chamar Deus o grande architecto do universo. A humanidade, filha da creação, é chamada a repetir nas suas obras este poder archeologico da idéa universal. Organisa-se n'um principio de unidade; constroe-se d'algum modo a si mesma; eleva-se n'um templo magestoso, cujas proporções, harmonicas entre si, respondem, pela grandeza da arte, ás proporções de Deus na natureza.

A COLLECÇÃO INTITULADA GESTA ROMANORUM.

Os escriptores do seculo xii são pela maior parte theologos. Dominados pelo espirito do seu tempo, encontram em todos os assumptos um ensino dos deveres do homem ou dos mysterios da religião. Moralisam ou symbolisam todos os phenomenos do mundo physico, as propriedades das plantas, as leis que presidem ao movimento dos planetas, as regras da arte de construir, as differentes partes do corpo humano e todos os objectos que lhes possam suggerir e manifestar uma indicação moral ou um exemplo, sob a apparencia de qualquer symbolo.

Os auctores d'aquelle seculo applicam o mesmo systema de interpretação a todas as tradições, falsas ou verdadeiras, transmittidas pela credulidade dos povos, sustentadas pela auctoridade dos tempos, ou imaginadas pelos vôos ardentes da phantasia poetica.

Outros contos maravilhosos, outras ficções que por essas eras se diffundiram do Oriente, como ondas de luz, se misturaram com as lendas monasticas, com as anecdotas populares, e com as narrativas tradicionaes.

D'esta sorte, os factos transformam-se, os nomes se transpõem, invertem ou alteram, e o theatro dos acontecimentos muda de aspecto, e mesmo de indole e intuitos.

Todavia, no meio d'esta confusão, d'esta inversão quasi completa na maneira de conceber e explicar taes fabulas e tradições, que as crenças, a superstição, as usanças, as tendencias, as aspirações intimas e as idéas mysticas d'estes diversos povos, obedecendo ao impulso de differentes civilisações, converteram em indicações de exemplos moraes e mythos religiosos; no meio d'esta confusão prodigiosa de lembranças e invenções do passado, uma regra domina absolutamente: no fundo de tudo apparece sempre o mesmo symbolo—a moralidade.

Os monges do seculo xiii, como é sabido, faziam consistir em grande parte a sua instrucção n'estas historias symbolisadas. Levados d'este pensamento fixo,

muitos d'elles faziam collecções de toda a especie de narrativas, de lendas e tradições populares, e as escreviam em latim, segundo o uso da epocha.

Existe um numero consideravel de manuscriptos d'este genero, que datam principalmente dos seculos XIII e XIV.

Na antiga livraria de Alcobaça havia preciosos monumentos, onde se achavam colligidas muitas d'estas pias crenças, que a superstição dos dois povos da Peninsula creára, e que o espirito religioso dos monges, a phantasia dos trovadores populares, ou o respeito exaggerado por esta especie de culto que todas as nações prestam ao seu passado, tornaram como outras tantas fontes de singela e nativa poesia.

Na livraria de Jesus, hoje pertencente á academia real das sciencias, tambem existem algumas d'estas compilações.

Mas que é dellas?

Não se sabe.

O fogo que Omar deitou á bibliotheca de Alexandria não é um acontecimento isolado da historia, é um mytho. Representa a ignorancia barbara destruindo os monumentos que a illustração edificára atravez dos tempos. É um facto que infelizmente tem tido uma reproducção constante.

Esse fogo, quasi sempre ateado pelo sôpro das revoluções, lavrou tambem n'este desgraçado paiz ao sabor do vento das discordias intestinas.

As nossas bibliothecas não foram verdadeiramente incendiadas, mas invadiram-nas a ambição, a cobiça, e a ignorancia principalmente, a peior de todas as cobiças e ambições, porque empolga como ellas, mas não para arrecadar, senão para inutilisar e destruir.

Do que existia pouco ficou intacto; pouco foi poupado por essa raça dos hunos das riquezas das nações.

Não acordemos, todavia, essas miserias, que muitas d'ellas o tempo já esconde, e passemos adiante.

Estas compilações tem todas por fim o ensino religioso. Podem-se citar, como as mais notaveis, as que se intitulam *Promptuarium exemplorum*, *Summa predicantium*, *Reportorium morale* de Pedro Berchorius ou Berthorius, e o *Gesta Romanorum*.

Particularisaremos unicamente esta ultima, que differe, a muitos respeitos, das outras, e que muitos criticos consideram antes como um livro de imaginação, destinado á alta sociedade, com o fim de contrabalançar a influencia dos romances.

Parece provavel que o auctor do *Gesta Romanorum* vivesse ahi pelo seculo XIV. Ha quem supponha que foi Pedro Berthorius, mas sem fundamento sufficiente. Tambem n'uma analyse que vimos d'estas collecções attribue-se esta, de que tratâmos, a Helinaud e a Gerard de Leuw, livreiro de Anvers; mas não adduzem provas que conduzam a tornar certa esta affirmativa. Em todo o caso, esta questão, para o fim a que nos propozemos, é de pouca monta. Esta compilação, como quasi todas as da edade-media, reproduz o espirito da epocha em muitas das suas crenças e tendencias, sem que apresente os lineamentos caracteristicos da individualidade do escriptor.

O *Gesta Romanorum* differe notavelmente de quasi todos os manuscriptos da mesma especie, segundo affirma um critico allemão, versado n'este genero de antiguidades litterarias.

Roberto Guaguin traduziu-o em francez. A edição, porém, é rara.

Todas as historias de que se compõe esta curiosa obra não são extrahidas, como o titulo parece indicar, da historia romana. Encontram-se n'ella, além de fabulas orientaes e gregas, contos tirados da *Disciplina clericalis* de Pedro Affonso, narrações, lendas de santos, excerptos de Jacques de Voragine, e outras muitas novellas já popularisadas nos seculos precedentes.

Vamos dar aqui a traducção de duas d'estas passagens, que dão uma verdadeira idéa da obra.

A VACCA DOS CORNOS DE OURO.

(É a fabula de Argos).

«Era de uma vez um certo senhor, que tinha uma vacca branca, a qual estimava perdidamente por duas razões: uma, porque era branca; e a outra, porque lhe dava muito leite. E vae então, como elle a amava muito, desejou que se lhe fizessem dois cornos de ouro. Feito isso, perguntou a si mesmo, a que homem poderia elle confiar a guarda da sua vacca?

«Ora, n'esse tempo existia um certo homem, por nome Argos, que era fiel em todas as cousas, e que via por cem olhos.

«Isto obrigou o senhor da vacca a enviar um mensageiro a Argos, para que elle houvesse de ir-se á sua presença sem detença. E ainda mal não era chegada Argos, quando o senhor lhe disse: — Dou-te a guardar a minha vacca dos cornos de ouro; e se tu a guardares bem, recompensar-te-hei, fazendo-te senhor de grandes riquezas; mas, se lhe roubarem os seus cornos de ouro, então morrerás.

«E Argos se foi d'alli com a vacca dos cornos de ouro, e conservou-se sempre ao pé d'ella.

«E logo ao alvorecer a conduzia a pastar, e a pastoreava com toda a vigilancia, e voltava com ella á noite.

«Mas havia um homem máo e astucioso, chamado Mercurio, mui para ouvir na arte da musica, o qual desejava com todas as ancias de sua alma possuir a vacca; e por isso vinha repetidas vezes travar praticas com Argos, procurando tental-o, ora com as boas palavras e os enlevos da amizade, ora com dinheiro em grande cópia, tudo para obter os cornos de ouro.

«Argos, porém, cravou na terra o bordão de pastor, que empunhava, e endereçando-lhe a palavra, como se fosse a seu senhor, assim lhe fallou: — Ora ouve-me... idéa tu que és meu senhor: esta noite, por exemplo, vou eu ao teu palacio. Assim que me vês, dizes-me tu: — Onde está a minha vacca dos cornos de ouro? Eu respondo-te: — Olha, a vacca já não tem cornos, porque um certo ladrão veiu em quanto eu dormia, e roubou os cornos. Mas tu respondes-me: — Ó desgraçado! então para que tens tu cem olhos? Como é possivel que todos os teus olhos estivessem adormecidos ao mesmo tempo, e o ladrão roubasse os cornos? O que tu dizes é uma mentira!... — E depois a minha morte é inevitavel. Se, fallando a verdade, eu digo ao senhor: — Eu vendi os cornos, o perigo será o mesmo, porque a minha morte será sempre certa.

«Depois d'este colloquio, Argos disse a Mercurio: — Vae-te, porque tu não conseguirás nada de mim.

«E Mercurio se retirou; mas, no dia seguinte, voltou com os seus instrumentos de musica; e, á maneira dos jograes, elle começou de narrar historias, e a todos os momentos a cantar na presença de Argos, com tal attractivo de voz e melodia, que dois dos olhos de Argos principiaram de cerrar-se; e como elle continuasse a cantar, outros dois olhos se fecharam, e assim d'esta fórma foi acontecendo o mesmo aos outros olhos, até que todos adormeceram e se fecharam de todo. E tanto que Mercurio viu isto, cortou a cabeça a Argos, e roubou a vacca dos cornos de ouro.

«*Interpretação moral.* — O dono da vacca branca é Jesus Christo; a vacca branca é a nossa alma; Argos é a egreja, que tem por dever guardal-a; e

Mercurio é o diabo, incançavel em procurar os meios de a perder.»

DEDICAÇÃO DE UM ROMANO.

«Aconteceu que uma vez, n'um certo logar situado no meio de Roma, a terra se abriu, deixando ver uma bocca, que parecia querer devorar tudo. Consultaram-se os deuses, os quaes responderam: — «Esse abysmo não se fechará senão quando um cidadão se precipitar dentro por sua propria vontade.» Mas ninguem se offerecia para este sacrificio, quando Marco-Aurelio disse: — «Se me concedeis a liberdade de poder viver como eu o appetecer, no decurso de um anno, consentirei voluntariamente e com satisfação, no fim d'esse anno, em me precipitar no abysmo.» Os romanos, ouvindo isto, mostraram-se muito satisfeitos, e concederam a Marco-Aurelio tudo o que elle desejava. Nada do que podesse appetecer-lhe foi recusado.

«Então elle fez tudo que a imaginação lhe pedia: gastou das riquezas dos cidadãos; dispoz de todos os bens que havia na cidade; e quando o anno chegou ao cabo, montou n'um soberbo cavallo, correu para o logar do precipicio, e arremessou-se a elle, o qual se fechou para logo.»

É realmente de estranhar o ser n'este episodio da historia romana o nome do sabio Marco-Aurelio que substitue, de uma maneira tão singular, o de Cursio! A condição de sacrificio não é menos extraordinaria. Mas a explicação moral, em que Jesus Christo toma o logar do heroe romano, completa a singularidade d'este quadro extravagante. Vejamos o que diz a explicação, como se acha no *Gesta*.

«*Interpretação moral.* — Roma significa o mundo: o abysmo aberto é o inferno, que está no meio. Antes do nascimento do Salvador uma grande multidão de homens caía n'aquella voragem. Veiu ao mnndo o Salvador, e desceu até ao inferno: o abysmo fechou



Brazil. — Castigo dos escravos. — Gravura de Flora.

a enorme bocca, e não se tornará a abrir, senão quando nós instarmos para isso, com o excesso dos nossos peccados.»

Outros muitos contos symbolicos, extrahidos de varios trechos e epochas da historia antiga, encerra esta collecção. Fora, porém, fastidioso enumeral-os ou trazel-os para aqui. Transcrevemos estes para dar idéa sómente de um genero litterario, ignorado por muitos, que aliás tem grande merito na sua singeleza primitiva, e na especie de côr local e feições proprias que lhe dão a ingenuidade do estilo em que é geralmente escripto.

Thomaz Wright, auctor de um excellente ensaio de litteratura, superstições, e crenças populares de Inglaterra na edade-media, obra que nos suscitou este artigo, no prologo exprime o desejo de ver apparecer uma nova edição do *Gesta Romanorum*, a fim de mais se vulgarisar e diffundir. «Esta collecção, diz elle, exerceu uma grande influencia na litteratura ingleza, ainda mesmo até ao seculo XVII; e póde-se dizer que fórma um dos anneis mais preciosos na cadeia das historias populares que se tem transmittido de edade em edade.» Ajunta que esta obra, posto que cheia de futilidades e absurdos historicos, é um vasto e abundante thema de estudo e variadissimo interesse, por ser a expressão natural e fiel da civilisação da edade-media.

As historias classicas ahi apresentam já os elementos alterados, que são como os fundamentos da sociedade nova. A sua fórma gothica prova a influencia do espirito da raça germanica, que tinha de alguma sorte sobrevivido.

As legendas monacaes, os excerptos dos martyrologios e as lendas dos santos, apenas auctorisados pela tradição popular, attestam os esforços da egreja em extrahir de todas as cousas um ensino dogmatico. E assim as bellas fabulas orientaes testimunham a transmissão de idéas e tendencias que haviam começado a unir a Asia á Europa, em consequencia das incursões dos sarracenos.

ANDRADE FERREIRA.

CASTIGO DOS ESCRAVOS.

Os castigos com que na America meridional reprimem os delictos dos escravos, tendem de dia em dia a ser menos rigorosos. Ordinariamente consistem na fustigação, e em reclusão mais ou menos dilatada. Nas fazendas é o feitor que faz de commandante, e inflige as punições. N'esta circumstancia atam o escravo a um poste, ou, se é em campo raso, amarram-no para ser azurragado da maneira mais extravagante e ao mesmo tempo mais cruel. A um pão curto, passado entre as pernas, prendem os laços, que deixam o paciente em immobilidade completa.

No Rio de Janeiro ha regulamentos a respeito do genero de correcção, que se póde dar aos escravos. Se o delicto parece ultrapassar o grão de culpabilidade tolerado nas relações habituaes entre o senhor e o escravo, este é logo mandado á praça do Calabouço, em que, sob as vistas d'um inspector, o fustigam. Faltas leves são punidas immediatamente com palmatoadas, dadas com tal vigor, que faz d'este castigo, apparentemente suave, um verdadeiro supplicio. Nada é mais doloroso que vel-o incessantemente renovado nas habitações, até pelas proprias mulheres, que não poupam os seus escravos d'ambos os sexos. Entretanto, pede a verdade que se diga, que a crueldade refinada, de que se suscitam tão horriveis exemplos na Guyana hollandeza, e nas proprias colonias inglezas, não existe no interior das habitações brasileiras, onde em geral tratam os negros com humanidade. Além d'isso ha em todo o Brasil um costume, cuja influencia n'um tão deploravel regimen como o da escravidão, é de benefico alcance. Se um estranho, passando pela rua, ou atravessando a casa, ouve gritos de negro que castigam, póde salval-o com a voz. O homem mais encolerisado suspende logo o castigo, sob pena de commetter grave injuria áquelle cujas palavras tem então força de empenho ou recommendação official. *Basta, basta, senhor*, são as palavras consagradas em taes circumstancias. A voz do estranho, que se ouve inopinadamente, consideram-na como intervenção providencial, e o senhor cessa a correcção, sem perder com isso nada dos seus direitos sobre o escravo.

Outro uso, talvez ainda mais importante, é poder o negro fugido, que deseja tornar á casa de seu senhor, fazel-o impunemente, e recomeçar o trabalho, sem incorrer nas penas habituaes, logo que acha qualquer pessoa compassiva, e de certa consideração social, que implore em seu nome a clemencia do amo. Fazendo de padrinho, graças á sua intervenção, póde o escravo ser readmittido em casa, sem outra pena mais que uma simples admoestação.

Os castigos dos negros no Brasil propendem cada vez mais, por uma suprema lei economica, a diminuir o seu rigor. O escravo é um capital, cada vez mais precioso e composto na razão directa da sua carestia. É um progresso para uns e outros, ainda que determinado por uma razão demasiadamente material e mercantil, que nem por isso é menos vantajoso para a humanidade.

REI OU IMPOSTOR?

Chronica portugueza.

XXVIII.

Os dois juizes communicaram a Filippe II o resultado da causa, consultando-lhe as sentenças, que elle approvou, mandando suspender por então a execução da de frei Miguel, e encarregando o doutor Llanos de notificar a D. Anna e demais pessoas ecclesiasticas a sua, e que logo depois elle mesmo conduzisse o eremita á corte, esperando em Guadarrama as ordens do rei.

Em cumprimento de taes ordens passou o doutor a fazer a notificação a D. Anna, a qual, ainda que afflictissima, ouviu com resignação e presença d'espirito a sentença, que era do theor seguinte:

«No negocio e causa criminal, que por commissão apostolica se tem processado, e pende ante nós, n'esta villa de Madrigal, e no mosteiro de freiras de Nossa Senhora da Graça, a Real, da dita villa, em que de officio de justiça temos procedido, e procedemos contra D. Anna d'Austria, freira professa do dito mosteiro, e demais complices; — vistas as provas, confissões, e allegações feitas sobre o caso, e confissões da dita D. Anna, e o demais que n'esta parte convinha, e a culpa que de tudo resulta contra a dita D. Anna d'Austria, pela qualidade de sua pessoa, e por outras justas causas, que aqui não se declaram: declarámos, que devemos condemnar, e condemnámos, a dita D. Anna d'Austria, religiosa sobredita, a que seja tirada, e sáia do mosteiro de Nossa Senhora da Graça, a Real, onde ao presente está, para outro mosteiro, que lhe for por nós, ou por outra pessoa que para isso tenha faculdade, assignado; e que sáia e o cumpra quando lhe for ordenado, e na fórma que se lhe ordenar, sem pôr n'isso escusa nem dilação alguma; e em quanto se lhe não assigna e ordena a parte aonde ha de ir, esteja na em que agora está; e n'este dito mosteiro, e no que se lhe designar, immediatamente esteja reclusa na sua cella por tempo e espaço de quatro annos primeiros seguintes, sem que possa sair da dita cella mais que a ouvir missa nos dias de festa sómente, indo via recta ao coro acompanhada de duas religiosas graves e anciãs, que a prelada d'este dito mosteiro, e do que se lhe nomear, ou por nós lhe for nomeado, assignar; e que do coro torne á cella da mesma maneira; e n'ella não possa entrar nem fallar pessoa alguma com a dita D. Anna d'Austria no dito tempo; e tambem a condemnámos em que todas as sextas-feiras dos ditos quatro annos jejue a dita D. Anna a pão e agua; e mais a condemnámos a que perpetuamente não possa ser prelada n'este dito mosteiro, nem em nenhum outro onde estiver; nem a possa servir nem sirva nenhuma outra religiosa, nem outra pessoa, senão os criados communs do dito mosteiro, que servem as outras religiosas; e tambem a condemnámos a que seja a dita D. Anna d'Austria tratada em tudo e por tudo como uma religiosa particular, assim n'este dito mosteiro, como em outro qualquer aonde estiver; assim no chamarem-na, como em tudo o mais: e mandámos que esta nossa sentença seja levada á pura e devida execução com effeito, e se execute como n'ella se contém, sem embargo de qualquer appellação que d'ella se interpozer em qualquer maneira, que por justas causas, que a isso nos movem, e por quanto assim convem ao serviço de Deus Nosso Senhor, e de sua real magestade, reservando, como reservámos a nós pela presente, qualquer declaração de duvida que se poder offerecer para a intelligencia d'ella; e assim tambem para poder dar e prover quaesquer mandados, que para a execução de nossa sentença forem necessarios, e nos parecerem convir n'esta sua verdadeira execução. E por esta sentença, julgando assim, o pronunciámos e mandámos, n'estes termos escriptos e por elles. (Assignado) *Doutor Juan de Llanos y Valdez.*»

«Pronunciou-se esta sentença, e notificou-se sexta-feira 21 de julho 1595. Ante mim *Francisco Santander*, secretario de commissão.»

A D. Luiza de Grado, e D. Maria Neto, sua irmã, religiosas d'aquelle mosteiro, e criadas de D. Anna

d'Austria, que, como já dissemos, participavam de todos os segredos, e sabiam e cooperavam n'este negocio, com a mesma persuasão que sua ama, de que Espinosa era el-rei D. Sebastião, sentencearam a oito annos de carcere nas suas cellas, e a serem tiradas do seu mosteiro, e privadas de voz activa e passiva, com jejum a pão e agua todas as sextas-feiras dos ditos oito annos.

XXIX.

Feita a notificação a D. Anna d'Austria, Llanos saiu para Madrigal, conduzindo frei Miguel, de que ainda tornaremos a fallar.

D. Rodrigo Santillan tambem, pela sua parte, concluira a causa, e enviára as sentenças á consulta do rei, que, por achar-se não pouco enfermo, retardou algum tempo a approvação. N'este intermedio um aguazil de D. Rodrigo, que vinha de Portugal, surprehendeu um correio, procedente d'alli tambem, que trazia cartas para D. Anna. D. Rodrigo recebeu-as; mas como havia já terminado a causa, sem as abrir as mandou ao rei. Ficou-se sempre ignorando o seu conteudo. Uns julgaram ser trama dos conjurados, para manifestar outra intenção mui distincta da que do processo resultava, e livrar, ou ao menos diminuir a pena dos iniciados; outros, que eram papeis mui importantes, que queriam que chegassem ás mãos de D. Anna, como pessoa de mais influencia e cathegoria, e menos culpabilidade: entretanto isto não passou de conjectura, porque Filippe II calou-se sobre o seu conteúdo, e approvou as sentenças, mandando se executassem por Santillan.

D. Rodrigo encarregou a um padre grave e douto da companhia de Jesus, ir ao carcere e prevenir Espinosa para ouvir a sentença, e começar a dispol-o para a morte.

Em 28 de julho, pela manhã, appareceu no carcere o jesuita. Mal Espinosa o viu entrar, começou a dizer repetidas vezes:

— Isto está acabado, está acabado!...

— Em verdade, irmão (lhe respondeu o jesuita), é preciso aproveitar o tempo, porque é breve.

— Breve! Como breve? Pois sem me notificarem a sentença!...

— Não; mas, segundo ouvi, não tardará, e eu, movido do desejo da vossa salvação, quiz prevenir-vos com tempo.

— Pois bem, saibamos primeiro o tempo que me resta; e já que tanto vos interessaes por mim, se podeis, sabei qual é a minha sentença, o tempo que se demorará a execução, o genero de morte e o logar d'ella.

— E de que vos serviria saber isso, se não trataes da vossa alma?

— Por ventura me esqueço d'ella? Peço-vos que satisfaçaes ao meu pedido, e depois fallaremos.

O jesuita saiu. Combinado com o juiz, voltou de tarde.

— Já posso satisfazer-vos (disse o padre ao pasteleiro). Desejaria que vos conformasseis com a vontade do Senhor, recebendo como da sua mão....

— Bem. Tenho conformidade e valor. Quanto tempo me resta de vida?

— Quatro dias. Terça feira proxima ha de executar-se a sentença.

— E qual é?

— Morte de forca.

— De forca!?... (exclamou Espinosa horrorisado). Então que me fariam mais, se com mão armada tivesse levantado o estandarte da rebellião contra Filippe II; se tivesse profanado o mosteiro, e ultrajado as virgens?

— Por Deus, filho! Não promettestes conformidade e valor?

— Conformo-me com morrer, ainda que nunca pensei que o meu delicto merecia a morte. Quero mil mortes, mas a morte d'um homem vil, essa não!

— Julgaes pequeno o vosso delicto, quando....

— O meu delicto será grande; mas é delicto d'um homem honrado. Não ha n'elle nem sombra de vileza, nenhuma acção vilã.

A entrada do secretario com um papel na mão interrompeu o dialogo. Espinosa ouviu com serenidade a sentença. Era condemnado a ser arrastado, enforcado na praça de Madrigal, esquartejado, e sua cabeça collocada em logar publico sobre um poste. Em seguida ouviu ler o decreto do rei confirmando a sentença.

— Supponho (disse o pasteleiro) que, como a todo o réo, me será ouvida e permittida a defesa publica.

— Creio (respondeu o escrivão) que depois da sentença definitiva, não ha logar a defesa.

— Pois appello d'essa sentença.

— E para quem, quanda acabo de lêr-vos a confirmação d'el-rei?

— Para o dos ceos, ante o qual será julgado quem o não póde ser pelos homens. Sim, appello para Deus. Ide, e dizei a quem vos manda, que appellei da sua sentença para um tribunal, onde de certo será recebida, e onde não poderá recusar-me o embargal-a!

O escrivão saiu attonito. Em tempos de superstição e de fanatismo, como aquelles, estas palavras eram para aterrar. Espinosa commovêra-se alguma cousa. O jesuita aproveitou as suas proprias palavras para lhe fazer evangelicas reflexões, que o réo ouviu, por muito tempo, sem denunciar impaciencia. Serenára de tal modo, que aconselhando-lhe o padre que seria bom preparar-se para fazer uma confissão geral, que, se quizesse, podia começar no dia seguinte, Espinosa lhe respondeu sorrindo:

— Meu padre, não vos dê isso cuidado, que muito tempo tenho tido para pensar em meus peccados, e estou prevenido.

— Pois então comecemos já (lhe tornou o jesuita).

Com effeito Gabriel de Espinosa deu principio á confissão geral, que, só pelo cançaço e fraqueza em que estava, suspendeu para continuar e concluir no dia seguinte. Fóra da confissão queixou-se muitas vezes amargamente da dureza d'el-rei, que não quizera enviar pessoa que o reconhecesse, como tantas vezes supplicára. Dizendo-lhe uma vez o confessor:

— Pois bem, declarae quem sois, e talvez isso vos faça mudar o genero de morte, ou que mesmo vos concedam a vida.

— Não (respondeu o pasteleiro), não a quero comprar a tanto custo.

Vespera da execução Espinosa recebeu com muita devoção o Sacramento; conversou com os religiosos descalços que lhe assistiam e com o seu confessor, encommendando a este ultimo, com muito interesse, sua filha, dizendo-lhe:

— Fazei-o por amor de Deus, e sabei que é filha de... de... (Aqui suspendeu-se um instante). Meu Deus, que por pouco esteve o amor a trahir o segredo, que não me poderam arrancar, nem os tormentos, nem a morte!...

Chegada a manhã da terça-feira, muitos sacerdotes e outras varias pessoas foram vel-o e consolal-o. Espinosa estava socegado; passeava pelo aposento; fallava com tranquillidade da sua morte, e só algumas vezes exclamava:

— Forca, e na praça de Madrigal!... Parte-se-me o coração ao considerar a angustia d'aquella pobre senhora!

Só o viram tenaz, até á morte, em sustentar, que não era homem baixo. Procurava demonstral-o com suas palavras e acções, e indicava-o bem nas conversações. Entretanto jámais lhe escapou uma

unica palavra por onde podesse entender-se quem era realmente.

Pouco antes da hora fatal, mandou o juiz que levassem a Espinosa o couro onde havia de ser arrastado, que lhe deitassem a corda ao pescoço, e lhe atassem as mãos, pondo-lhe n'ellas um crucifixo. Foi então que o preso chamou de novo o confessor, e ficou com elle a sós por largo espaço. Depois tornou a admittir e communicar com as demais pessoas, conversou com todos, e esperou sereno a hora do supplicio.

Ás quatro horas da tarde saiu do carcere. Muitos sacerdotes, que para isso haviam acudido de toda a comarca, iam em sua companhia.

Adiante caminhava o pregoeiro gritando:

— *Justiça que se manda fazer n'este homem por traidor a seu rei....*

— É falso (exclamava sempre Espinosa): nunca fui traidor a cousa alguma.

— *Por embusteiro* (continuava o pregoeiro), *e porque sendo vil e de baixa esphera....*

— Isso, Deus o sabe (dizia o pasteleiro com voz socegada).

— *Se quiz fazer pessoa real. Quem tal fez, que tal pague* (concluia o pregão).

Por mais que o confessor e os outros ecclesiasticos, que o acompanhavam, o exhortassem a que tivesse resignação, com as classificações de homem vil e de traidor é que não podia conformar-se.

Chegaram ao pé da forca. Olhando para todos os lados com extraordinaria serenidade, Espinosa descobriu D. Rodrigo Santillan, que estava n'uma das janellas do carcere para presencear a execução. Chamou-o pelo seu nome, e ia fallar-lhe, quando o confessor lh'o impediu, exhortando-o a que esquecesse todas as cousas do mundo, que tão em breve ia deixar, e attendesse só ás da alma. Posto de joelhos, reconciliou-se, e começou a subir as escadas do patibulo, sem nenhum indicio de perturbação ou temor. O verdugo deitou-lhe o laço ao pescoço. O paciente, levantando as mãos, compol-o com tanto cuidado, como se fôra uma gala. Então fez por duas vezes signal para fallar ao juiz, mas de ambas lh'o impediram os sacerdotes, pondo-lhe o crucifixo nos labios. Pediu perdão ao povo, com voz tão segura, como se lhe estivesse arengando. Em seguida o carrasco fez seu officio, e ainda que se demorou muito em enforcal-o, ficou em fim cadaver, pendente da forca, aquelle homem verdadeiramente extraordinario.

Ainda que nada se soubesse ao certo da origem, patria, e demais circunstancias de Gabriel de Espinosa, disse-se então que era filho d'uma nobre familia de Castella, e que havendo na sua juventude dado morte a um homem poderoso, tivera que ausentar-se de Hespanha, e ficára por isso impossibilitado de voltar a ella descobertamente. Corrêra na sua expatriação varios paizes, militára em muitos terços de cavallaria, era valente e de tal força, que elle proprio contára, estando para morrer, que no Ferrol, diante d'outros camaradas, tomára na mão uma lança, e, sem brandil-a, nem mover o braço, a quebrára em duas partes. Era de muito bom talhe, de excellente e mui elegante figura, de modos finos e cortezes, de talento desembaraçado, sabía algumas linguas com perfeição, e tinha instrucção, pouco vulgar, o que tudo podia ser prova de que a sua origem não era tão baixa como elle fingia nas suas declarações. *(Continúa).*

REINO DE SIÃO.

As relações diplomaticas entre a Europa e os reinos de Sião e Cochinchina, cujo fio Luiz XIV procurou atar, só agora parecem querer assumir caracter mais real.

Um tratado de navegação, commercio, e amizade foi ha pouco concluido entre a França e aquelle remoto paiz. A embaixada, á frente da qual estava mr. de Mortigny, consul francez em Shanghai, foi no mez de julho ultimo bem recebida em Bangkok, e obsequiada pelos reis e seus ministros.

O throno de Sião é occupado por dois reis. O primeiro, Somdet Phra Paramende Maha Mongkut, chamado grande rei, mostra muita intelligencia, e parece ter lido muito os livros europeus, sobre tudo a historia das dynastias reinantes. Possue vasto conhecimento das linguas orientaes antigas; falla as linguas modernas melhor que nenhum dos seus subditos; conhece alguma cousa do latim; e tão correntemente o inglez, que o escreve com grande facili-



Irmão do rei de Sião. — Gravura de Coelho Junior.

dade. Assim, faz figurar com ufania, entre os seus titulos, o de professor de linguas.

A audiencia de recepção foi deslumbrante e solemnissima; o ceremonial curioso, mas não extravagante. Os principes de sangue, em grande numero, e os grão-dignitarios do reino estavam reunidos n'esse acto memoravel. A nossa gravura representa a curiosa figura de Kromaluang Vong-Sa, irmão do rei.

A côrte de Sião acaba de enviar á Inglaterra uma embaixada, numerosa, e sumptuosa, com ricos presentes para a rainha, com o fim de estreitar as relações d'ambos os paizes. A Grão-Bretanha promette responder condignamente a esse appêllo.

Todos estes passos dados n'um mesmo sentido de communicação pacifica annunciam, sem duvida, que não vem longe o dia em que Sião será mais um dos estados contados na communhão europea.

LISBOA — Typographia de Castro & Irmão, Rua da Boa-Vista 4 B